

Prognóstico

FUMO Análise da Conjuntura

1 – Fumo no Mundo

1.1 – Produção Mundial

A batalha que o mundo inteiro vem travando contra o tabagismo já é secular, porém se intensificou nos últimos 20 anos, época em que foi criada a Convenção Quadro, na cidade de Genebra em 1999. Este documento elaborado pela Organização Mundial de Saúde – OMS veio para dar suporte às diversas iniciativas que os órgãos governamentais estão implementando para a redução do uso do tabaco e seus malefícios à saúde humana. Atualmente, a Convenção Quadro conta com o aval de 190 países e inclusive o Brasil que ratificou o documento no ano de 2005.

No início parece que a Convenção Quadro surtiu um efeito razoável, com vários órgãos discutindo e procurando alternativas. Porém, em função da organização da cadeia produtiva do tabaco, como a pesquisa agrícola, o planejamento da produção, a integração do produtor à indústria, assistência técnica personalizada e a garantia de compra de toda a produção, asseguram ao produtor uma renda superior aos demais produtos. Por estas razões é que a maioria dos produtores preferem continuar na atividade.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a agricultura e Alimentação – FAO, a produção mundial havia se estabilizado durante um período de 7 anos. Porém, já se observa uma pequena redução a partir do ano de 2015. Com base nos últimos dados disponíveis para o ano de 2017, a FAO indica

uma produção de 6,5 milhões de toneladas de fumo em folha. O tabaco é cultivado em 128 países, ocupa uma área de 4 milhões de hectares e uma produtividade da ordem de 1.625 Kg / ha.

Dentre os principais países produtores, a China continua sendo a líder mundial, com uma participação de 36,8% no ano de 2017. Embora este índice já represente uma redução média de 10,6% comparativamente aos últimos 6 anos em que veio superando a 40% do volume total produzido no mundo. O Brasil ocupa o 2º lugar na produção com 13,5%, a Índia com 12,3% e o Estados Unidos representam aproximadamente 5%.

Vale destacar que neste período de 20 anos da implantação da Convenção Quadro, enquanto alguns países como a China e os Estados Unidos reduziram a sua oferta, o Brasil ao contrário, aumentou a sua produção e se tornou o maior exportador mundial de fumo em folha a partir de 1993. Algumas vantagens comparativas aos demais países, como as excelentes condições edafoclimáticas à exploração fumícola, o nível tecnológico utilizado pelos produtores e os custos de produção mais baixos, principalmente em relação aos Estados Unidos, onde a mão de obra é escassa e muito valorizada, o Brasil se coloca em vantagem no mercado internacional.

Além do Brasil, a África também aparece com certo favoritismo ao crescimento da produção de tabaco, em especial no Zimbábue e Malawi. Em função da grande disponibilidade de mão de obra aliada às condições climáticas favoráveis naqueles

Prognóstico

países, tornam o Continente Africano como promissor ao desenvolvimento da fumicultura durante os próximos anos (Tabela 1).

TABELA -1 - PRODUÇÃO DE FUMO NOS PRINCIPAIS PAISES, EM TONELADAS -2011 E 2017

Países	2011	2017
China	3.158.737	2.392.090
Brasil	951.933	819.000
India	640.820	799.960
Estados Unidos	272.622	322.100
Zimbábue	115.570	181.643
Indonésia	130.300	152.319
Paquistão	102.834	117.750
Argentina	165.145	117.154
Malawi	174.928	82.964
Turquia	45.000	80.000
Itália	82.175	46.060
Sub-Total	5.840.064	5.172.941
Outros	1.359.054	1.328.705
Total Mundial	7.199.118	6.439.765

FONTE: FAO, 2019

CONVENÇÃO QUADRO

A crescente preocupação das autoridades ligadas à saúde, aliada aos movimentos antitabagistas visando a conscientização dos usuários sobre os seus malefícios, convergiu na formulação do primeiro tratado internacional denominado Convenção Quadro. Este fato se tornou concreto através dos Estados membros das Nações Unidas por ocasião da 52ª Assembleia Mundial de Saúde, realizado em Genebra na Suíça, no ano de 1999.

Na sequência a Convenção Quadro foi adotada pela Assembleia Mundial de saúde em 21 de maio de 2003. No ano de 2004 já havia alcançado a marca de 40 ratificações de países membros e entrou em vigor no dia 27 de fevereiro de 2005. Entre as principais atribuições previstas destacam-se a adoção de medidas Inter setoriais nas áreas de:

- Propaganda;
- Publicidade;
- Patrocínio;
- Advertências Sanitárias;
- Tabagismo passivo;
- Tratamento de fumantes;
- Comércio ilegal de cigarros;
- Preços e Impostos.

Como toda mudança gera certa rejeição, evidentemente que a adoção deste instrumento causou muitas dúvidas e incertezas por parte dos produtores que temiam pela proibição desta atividade. Assim, foram organizadas várias audiências públicas nos 3 Estados do Sul e coordenadas pelo Governo Federal. Após estas reuniões de esclarecimento aos produtores e também aos técnicos de diversos órgãos, ficou assegurado que não seria proibido a continuidade desta atividade, porém sempre incentivando à prática da diversificação aos que de alguma forma já tinham o desejo de mudar.

Em 2003, foi criada a Comissão Nacional para a implantação da Convenção Quadro – CONIQ, sob a presidência do Ministério da Saúde e a Secretaria – Executiva com a coordenação do Instituto Nacional do Câncer – INCA. Também foi decisivo o apoio do poder executivo composto por 6 ministérios:

Prognóstico

Casa Civil, Agricultura, Saúde, Desenvolvimento Agrário, Relações Exteriores e Fazenda.

Coube ao Poder Executivo o apoio e a garantia aos produtores de que a Convenção Quadro não iria proibir o plantio de fumo no Brasil e por outro lado se comprometia em apoiar os fumicultores através do Programa de Diversificação nas áreas cultivadas com o fumo. O Brasil aprovou a Convenção Quadro através do Decreto Legislativo nº1012 de 27 de outubro de 2005, e no dia 3 de novembro de 2005, o Governo Brasileiro tornou-se o 100º a ratificar e tornou-se membro efetivo.

Atualmente, mais de 190 países já assinaram a Convenção Quadro e estão empenhados com o mesmo objetivo: a diversificação da produção nas propriedades que cultivam o fumo e a redução de seu consumo. No Brasil, as principais metas já alcançadas foram a proibição de fumar em ambientes públicos e fechados, a venda de cigarros aos menores e uma forte atuação no combate ao contrabando de cigarros.

Com relação à diversificação houve um forte esforço por parte dos Governos Federal e Estadual, nos 3 Estados do Sul, onde se concentra cerca de 95% da produção nacional de tabaco. Nestes estados foram feitas várias reuniões, encontros técnicos e palestras junto com os produtores. De todas as tentativas, parece que a pecuária leiteira teve a melhor aceitação e o Programa Plante Milho, Feijão e Pastagem pós colheita de fumo.

Em nosso Estado os trabalhos de diversificação foram iniciados através da Chamada Pública, coordenada pela EMATER, com recursos do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA e envolveu

960 famílias que cultivavam tabaco. No início os técnicos realizaram um levantamento socioeconômico dos produtos selecionados e implantaram algumas atividades novas. Posteriormente, novos projetos foram implementados, mas todos coordenados pela EMATER.

Entre as principais alternativas, o Programa Plante Feijão e Milho pós colheita de fumo, está dando bons resultados. Segundo o Sinditabaco, o Paraná cultivou cerca de 32.761 hectares de milho e feijão e o resultado financeiro foi de R\$ 110 milhões. Este valor rateado entre os 29.600 produtores de tabaco, resultou em aproximadamente R\$ 3.716,00 de renda extra para cada família.

2 – O fumo no Brasil

2.1 – Produção no Brasil

Dentre as atividades agrícolas, a fumicultura brasileira é a mais antiga, uma vez que mesmo antes do descobrimento do Brasil, os índios já cultivavam e utilizavam principalmente em seus ritos religiosos. Porém a partir de 1556 os franceses e os portugueses deram continuidade à sua exploração e seguida pelos demais povos a partir dos séculos XVI e XVII. Contudo, a exploração comercial e industrial teve início apenas em 1918, por ocasião da instalação da primeira fábrica de cigarros no Brasil.

Os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná representam cerca de 95% da produção brasileira de fumo e o restante é cultivado nos Estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Ceará e São Paulo. A Região Sul apresenta as melhores condições de clima e solo, pela tradição dos povos europeus em

Prognóstico

cultivar tabaco e principalmente à alta rentabilidade econômica que a cultura proporcionou em pequenas propriedades.

O Rio Grande do Sul é responsável por cerca de 50% da produção brasileira de tabaco, concentra as indústrias e também a exportação que se destina para mais de 100 países. Santa Catarina responde em média de 30% e o Paraná com 20%. Destes, o Paraná apresentou o maior crescimento durante a última década e passou de 11% para 20% a sua participação na produção. (Tabela – 2 e 3).

TABELA-2- BRASIL; EVOLUÇÃO DA ÁREA, PRODUÇÃO E NÚMERO DE FAMÍLIAS

Safra	Área (ha)	Produção (t)	Famílias (nº)
2009/10	450.000	788.000	185.160
2010/11	455.000	952.000	186.810
2011/12	408.000	801.000	165.170
2012/13	405.000	851.000	162.410
2013/14	414.000	862.000	160.000
2014/15	409.000	867.000	153.730
2015/16	374.000	674.000	154.000
2016/17	395.000	872.000	150.240
2017/18	388.000	819.000	149.350
2018/19	361.000	758.000	148.700

FONTE: IBGE, AFUBRA, SEAB/DERAL,2019

TABELA-3- PRINCIPAIS ESTADOS- ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE – 2018/20109

UF	Área (ha)	Produção (t)	Prod. (kg/ha)	Produção (%)
R.G. do Sul	173.813	371.888	2.140	49,0
S. Catarina	90.321	193.474	2.142	25,5
Paraná	75.336	168.891	2.242	22,3
Alagoas	13.166	15.716	1.194	2,1
Bahia	8.000	8.160	1.020	1,1
Outros	298	269	903	0,0
Brasil	360.934	758.398	2.101	100,0

FONTE: IBGE, SEAB/DERAL,2019

2.2 - Perfil do Fumicultor Brasileiro

Segundo as pesquisas de campo realizadas pela Associação dos Fumicultores do BRASIL AFUBRA, o fumicultor brasileiro geralmente é um indivíduo que pratica a agricultura familiar, possui pouca terra, muitas vezes arrendatário ou meeiro aquele que divide a produção. Esta pesquisa confirma que a média das propriedades que cultivam o fumo no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e no Paraná dificilmente ultrapassa a 17 hectares. Desta forma, fica evidente que esse tamanho de propriedade não permite a exploração de culturas que exigem maiores extensões, como a soja e o uso obrigatório da mecanização.

Na safra de 2017/18, essa pesquisa da AFUBRA demonstra que dos 14,6 hectares, o fumo ocupa apenas 17% ou o equivalente a 2,5 hectares, porém é esta a fração de área que normalmente gera uma renda superior a 60% na propriedade. A cultura do milho se destaca com 18%, pastagem 24%, Mata Nativa 15%, Mata Reflorestada 10%, soja 8% e restante com outras culturas em menor escala.

Uma das características desses produtores é a sua migração de outras culturas, como milho e feijão para o tabaco. A alegação principal desta mudança é a integração com as indústrias. A garantia de compra da produção, a correção dos preços em todas as safras e a comparação da renda final de um hectare de tabaco que equivale a mais de 6 ha de milho e feijão quando cultivados com pouca tecnologia

Prognóstico

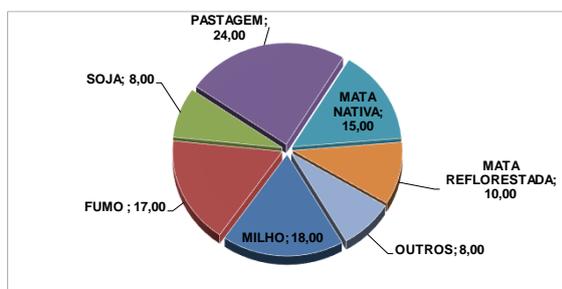
ou no Sistema Tradicional. (Tabela 4 e Gráfico 1)

TABELA 4- FUMICULTURA SUL BRASILEIRA- DISTRIBUIÇÃO FUNDIÁRIA 2017/2018

Hectares	Famílias	%
SEM TERRA	39.753	26,6
DE 1 A 10	53.776	36,0
DE 11 A 20	36.026	24,1
DE 21 A 30	13.454	9,0
DE 31 A 50	5.051	3,4
MAIS DE 50	1.290	0,9
TOTAL	149.350	100,0

FONTE: AFUBRA, SEAB/DERAL,2019

GRÁFICO 1- OCUPAÇÃO DE PROPRIEDADE FUMÍCULA – 2018



FONTE : AFUBRA, SEAB/DERAL,2019

EXPORTAÇÕES BRASILEIRA DE FUMO

O Brasil continua sendo o segundo produtor e o primeiro exportador de fumo a partir de 1993. A produção brasileira de tabaco se destina essencialmente para atender o mercado internacional e o volume exportado já atinge cerca de 90% e abastece aproximadamente 100 países. Em termos absolutos, o maior volume já enviado para o resto do mundo foi no ano de 2007, quando totalizou 700 mil toneladas de fumo em folha.

Nos 6 anos seguintes, as quantidades exportadas se mantiveram na média de 610 mil toneladas e na sequência baixaram para 480 mil toneladas. Esta redução já pode ser um reflexo da forte pressão mundial quanto ao consumo e na saúde das pessoas.

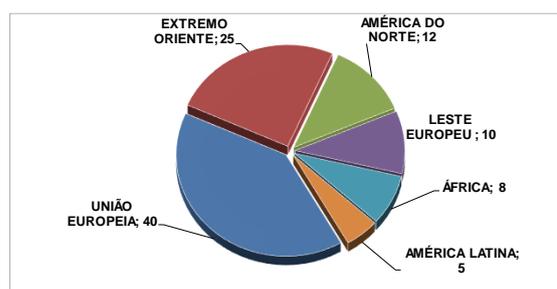
As exportações brasileiras de tabaco continuam em sua grande maioria aos países da União Europeia, Extremo Oriente e a América do Norte, cujo volume alcança em média de 77%. Já os restantes 23% atendem os mercados do Leste Europeu, oriente médio, África e também a América Latina. (Tabela – 5 Grafico-2)

TABELA-5 EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE FUMO

Anos	Quant. (1000 t)	Valor (milhões US\$)	VALOR (US\$/kg)
2007	700	2.200	3,14
2008	686	2.713	3,95
2009	672	3.020	4,49
2010	503	2.730	5,43
2011	541	2.891	5,34
2012	633	3.211	5,07
2013	624	3.240	5,19
2014	476	2.500	5,25
2015	516	2.186	4,24
2016	483	2.123	4,40
2017	462	2.092	4,53
2018	461	1.989	4,32
2019*	345	1.354	3,93

*ATÉ AGO/19 FONTE: MDIC/SECEX, SINDITABACO.

GRÁFICO – 2 – PRINCIPAIS IMPORTADORES DE TABACO BRASILEIRO – 2018 – VALORES EM %



FONTE: MDIC/SECEX, SINDITABACO,2019

Prognóstico

3 – A Produção Paranaense de Fumo

O Paraná levou a sério as recomendações da Convenção Quadro, em especial os artigos 17 e 18 que tratam sobre a diversificação nas propriedades fumícolas e os cuidados com o meio ambiente, respectivamente. Porém, com alguns projetos já em andamento, na prática o que se observou foi um significativo aumento na área plantada, durante os últimos 15 anos. Neste período a participação paranaense passou de 11% para cerca de 21% na produção brasileira de fumo.

Este crescimento ocorreu pelo aumento de área plantada, em especial naquelas famílias com maior número de pessoas, uma vez que a cultura exige grande quantidade de mão de obra. Paralelamente, ao aumento nas áreas plantadas, também se registrou um significativo crescimento na produtividade média em torno de 10 a 15%. Na última safra foram cultivados 75.300 ha e utilizando-se o coeficiente de 0,7 homem/hectare, a atividade gerou no campo aproximadamente 53.000 empregos durante todo o seu ciclo.

Atualmente, está em curso o Projeto da Diversificação das Áreas de tabaco em 16 municípios, que são os maiores produtores no Paraná. Este trabalho é coordenado pela EMATER / PR e abrange 1.180 famílias, sendo iniciado em 02 de janeiro de 2019 e com o término previsto para 31 de dezembro de 2020. As principais atividades incentivadas neste projeto são: a olericultura, a fruticultura, os grãos, a erva-mate e o leite. Para a seleção das famílias a serem contempladas neste projeto, a EMATER priorizou as que cultivam o tabaco e

principalmente aquelas que tenham interesse em diversificação ou até mesmo em mudar de atividade. Outro projeto semelhante ao do instituto EMATER, é da ONG CEASOL coordenado pelo Departamento de Estudos Sócio Econômicos RURAIS – DESER, que atua em alguns municípios paranaenses com os mesmos objetivos.

A produção de fumo se concentra na Região Sul ou nos Núcleos Regionais de Irati, Ponta Grossa, Curitiba, União da Vitória e Guarapuava, que foram responsáveis por 91% das 169.000 toneladas colhidas na safra de 2018/19. Nestes Núcleos predomina o fumo de estufa, aquele cuja colheita é realizada em diversas vezes e a secagem é processada com o calor à base de lenha. Já o fumo de galpão é colhido em uma única vez, cortando-se o pé e as folhas são secadas em galpões, naturalmente e demora mais tempo. (Tabela 6)

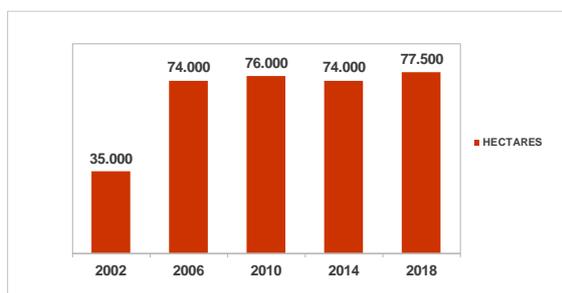
TABELA-6 ÁREA E PRODUÇÃO DE FUMO NOS PRINCIPAIS NÚCLEOS REGIONAIS -2018/19 E 2019/20

Núcleos Regionais	2018/19		2019/20		PART. %
	Área (ha)	Produção(t)	Área(ha)	Produção(t)	
Irati	22.000	44.000	22.300	53.400	29,2
Ponta grossa	19.500	44.000	15.500	48.800	26,6
Curitiba	13.600	35.500	13.600	35.000	19,1
União da vitória	8.000	16.400	8.000	16.400	9,0
Guarapuava	5.500	14.300	5.600	15.000	8,2
Cascavel	2.000	4.100	1.960	4.200	2,3
Laranjeiras do S.	1.800	4.300	1.760	4.400	2,4
Outros	2.900	6.400	6.630	5.800	3,2
Total Paraná	75.300	169.000	75.350	183.000	100,0

FONTE: SEAB/DERAL,2019

Prognóstico

GRÁFICO - 03 – PARANÁ - EVOLUÇÃO DE ÁREA PLANTADA E FUMO (HA)



FONTE: SEAB/DERAL, 2019

3.1 – Preços

A formação dos preços do tabaco difere dos demais produtos agrícolas, pelo fato de serem discutidos entre os órgãos que representam os produtores e as indústrias fumageiras, antes da colheita. Costumeiramente, a partir do mês de dezembro são iniciadas as negociações que levam em conta principalmente os custos de produção. Quando nestas reuniões se chega a um bom termo, então é celebrado o protocolo e assinado pelas partes. Quando isto não é possível, então são praticados valores que mais se aproximam da melhor oferta de alguma das indústrias.

Na última safra não houve o consenso, não foi assinado o protocolo e a média dos preços recebidos pelos produtores não foi satisfatória. A média registrada durante os 6 meses de comercialização em 2019 foi de R\$ 131,00/arroba, contra R\$ 136,00/arroba na safra anterior. Além desta redução de aproximadamente 4%, houve ainda uma quebra de safra em termos de quantidade e qualidade do produto. Esta redução foi causada pela falta de chuva, mas também pelo excesso

de calor durante o mês de janeiro/19 que forçou a maturação precoce das lavouras.

O menor preço registrado nesta safra foi de R\$ 115,00/arroba no mês de fevereiro e o maior de R\$ 137,00/arroba em julho. Portanto, os produtores que realizaram suas vendas no final da comercialização obtiveram, em média, 19% a mais comparativamente aos que entregaram seu produto no início.

3.2 – Tendências

Pela organização do setor e o grau tecnológico utilizado pelos produtores, nota-se que a cultura do fumo está consolidada em nosso Estado. No Paraná, esta atividade ganhou maior impulso a partir da década de 70, quando os produtores iniciaram os contratos com as indústrias. Dava-se o início de uma produção em maior escala e com normas pré-estabelecidas dentro da integração dos produtores com as indústrias.

Segundo a opinião do setor, esta integração é o caminho do sucesso da fumicultura, uma vez que assegura aos produtores algumas vantagens em relação aos demais produtores. Entre os principais pontos positivos da integração, algumas são decisivas como:

- O aval do custeio das lavouras que as indústrias assumiram junto aos bancos;
- O fornecimento dos insumos aos produtores nas suas propriedades;
- Assistência técnica personalizada, principalmente no primeiro ano de plantio;
- A garantia de compra de toda a sua

Prognóstico

produção;

e) Pagamento aos produtores em até 4 dias úteis.

Essas são algumas das vantagens que asseguram para os industriais a permanência de algumas famílias que já estão na atividade por mais de 40 anos. Desta forma fica nítida a dificuldade de aplicar a Convenção Quadro, pois acredita-se a diversificação ou a substituição terá que dar as mínimas condições para competir com a produção de fumo. Portanto, é um processo lento, mas com o empenho dos órgãos governamentais, a EMATER e seus técnicos e as ONGS, certamente, alguns produtores optarão por atividades que não sejam maléficas a sua saúde.

Para a próxima safra de 2019/20, a princípio não se vislumbram grandes alterações para os próximos plantios de fumo em nosso Estado. Os primeiros levantamentos de campo realizados pelos técnicos do Departamento de Economia Rural – DERAL indicam uma área de 75.350 ha e uma produção de 183.400 toneladas de fumo em folha. Comparativamente à safra passada, esses números indicam uma área igual à safra do ano passado e um aumento de 0,3% na área e 8% na produção. Saliente-se que este aumento deverá ser resultado de uma produtividade normal, pois na última colheita houve perdas.